

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

# **A SECA DE 1888/1889 E SEUS EFEITOS SOBRE A VILA DE AMARRAÇÃO: DESLOCAMENTOS HUMANOS E CONFLITOS NO LITORAL DO PIAUÍ**

Marcus Pierre de Carvalho Baptista<sup>1</sup>  
Francisco de Assis de Sousa Nascimento<sup>2</sup>  
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista<sup>3</sup>

## **RESUMO**

O objetivo deste artigo foi discutir sobre as implicações da seca de 1888/1889 na Vila de Amarração no litoral do Piauí, sobretudo no que se refere aos problemas causados pelos deslocamentos humanos que para ela se destinaram em sua fuga do flagelo natural, evidenciando os furtos realizados pelos migrantes para garantir sua sobrevivência.

**Palavras-chave:** Seca de 1888/1889. Deslocamentos Humanos. Conflitos Sociais. Vila de Amarração. Litoral do Piauí.

---

<sup>1</sup> Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: <marcus\_pierre@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e docente da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: <franciscoufpi@gmail.com>.

<sup>3</sup> Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e docente da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: <baptistaeli@gmail.com>.

Marcus Pierre de Carvalho Baptista  
Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

## THE DROUGHT OF 1888/1889 AND ITS EFFECTS ON THE VILLAGE OF AMARRAÇÃO: HUMAN DISPLACEMENTS AND CONFLICTS IN THE COAST OF PIAUÍ

### ABSTRACT

This article aims to discuss the implications of the drought of 1888/1889 in the Village of Amarração on Piauí Coast, especially with regard to the problems caused by the human displacements that were destined for it in its escape from the natural scourge, evidencing the thefts carried out by migrants to ensure their survival.

**Keywords:** Drought of 1888/1889. Human Displacement. Social Conflicts. Village of Amarração. Piauí Coast.

### *Considerações Iniciais*

Achava-se tudo demudado nas terras do Morro, vinte dias depois da festa a que assistimos em casa da tia Deodata.

O sol dardejava raios candentes e a seca aumentava os horrores dos seus assombrosos estragos.

As campinas estavam tostadas como se acaso uma torrente de fogo as houvesse sapecado; as folhas enroscavam-se, engelhavam-se como se fossem frisadas por um ferro encadescente; as avezinhas abandonavam seus ninhos e em bandos partiam pipilando; as águas decresciam e o gado, mugindo lugubrememente nos campos, tombava exangue. A miséria invadia tudo de um modo sinistro. (CASTELLO BRANCO, 2000, p. 54).

Assim, Francisco Gil Castello Branco descreveu a paisagem desoladora da fazenda do Morro, localizada na região de Marvão<sup>4</sup>, em 1880 em seu livro *Ataliba, o Vaqueiro*. Uma cena de desespero, de

---

<sup>4</sup> Atual Castelo do Piauí.

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

temor, dos horrores que a seca ia causando à medida que adentrava e ia se ampliando pela região.

Uma cena que, embora retrate e refira-se a seca de 1877, torna-se comum pela província do Piauí durante os anos de 1888/1889, afetando-a de norte a sul, e fazendo com que mais uma vez o Piauí, bem como as províncias vizinhas do Norte vivenciassem novamente a seca e os problemas que vinham com esta.

Nesse contexto, Amarração<sup>5</sup>, situada no litoral do Piauí, se torna uma, dentre as muitas vilas, afetadas pelo problema e que vê sua paisagem ser gradativamente alterada ao passo que a seca vai se introduzindo e se desenvolvendo naquela localidade. O vento, descrito muitas vezes como uma brisa agradável vindo do oceano, torna-se um “[...] vento rijo, secco e destruidor [...]”, as temperaturas amenas devido a influência marítima dão lugar a um “[...] calor abrasador que reina constante [...]”, as águas se esgotam, as chuvas tão comuns a região a partir do solstício de verão “[...] nem uma gota d’água borrifou estes

---

<sup>5</sup> De acordo com Baptista (2019, p. 15) a Vila de Amarração corresponde ao atual município de Luís Correia tendo surgido no início do século XIX pela ocupação de pescadores, tendo sido anexada no decorrer do século XIX pela província do Ceará. Foi então elevada “[...] a distrito pela referida província pela Lei nº 1.177, de 29 de agosto de 1865 e nove anos depois em Vila pela Lei nº 1.596, de 05 de agosto de 1874 [...]” e reanexada ao Piauí a partir da Lei Geral 3.012 de 22 de outubro de 1880. Para reaver seu território o Piauí cedeu ao Ceará em troca na época as Vilas de Príncipe Imperial (hoje Crateús) e Independência. Amarração se inseriu neste contexto em um projeto de desenvolvimento da província piauiense a partir de três aspectos: 1 – Desenvolvimento das vias fluviais, principalmente o rio Parnaíba, maior curso d’água do Piauí com desembocadura no Oceano Atlântico; 2 – Instalação da malha ferroviária até Amarração; 3 – A construção do porto marítimo em Amarração para escoamento da produção advindos da ferrovia e da hidrovia. Deve-se apontar que mesmo sem a concretização do porto funcionava na vila de Amarração um pequeno ancoradouro que servia tanto para transporte de carga como de passageiros, sendo necessário a construção do porto para ampliar sua capacidade de receber navios de maiores calados.

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

terrenos [...]” e, por fim, secam-se árvores e tem-se o desfecho das plantações: a morte (A IMPRENSA, 1889, p. 3).

Não obstante isso, a seca nas províncias do norte, particularmente no Piauí, no final do século XIX e, no caso em questão, nos anos de 1888/1889 descortinou outro problema que terminou por reverberar em Amarração: a migração de populações de outras províncias vizinhas, principalmente cearenses, que fugiam das intempéries provocadas por esta seca em seus locais de origem e ampliavam a atuação do flagelo nos locais em que se instalavam, principalmente por conta do aumento da demanda de produtos de primeira necessidade para suprir essas populações.

Desta maneira, o objetivo deste artigo foi discutir sobre as implicações que a seca de 1888/1889 teve na Vila de Amarração no litoral do Piauí, sobretudo os problemas causados em função dos deslocamentos humanos, decorrentes desta por procurarem em Amarração uma forma de escapar do flagelo que também atingia as províncias vizinhas.

A metodologia empregada para a construção deste artigo foi a pesquisa bibliográfica, no sentido de buscar compreender a seca não somente enquanto um fenômeno natural, mas também social e histórico, tendo em vista a criação imagética do Nordeste a partir das particularidades ao se pensar como afetava o Piauí no final do período oitocentista, tornando assim possível compreender sua manifestação em Amarração no recorte temporal estabelecido. Para tanto utilizou-se,

Marcus Pierre de Carvalho Baptista  
Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

principalmente, Domingos Neto e Borges (1987), Andrade (1998) e Albuquerque Júnior (2001).

Utilizou-se também pesquisa documental, especialmente a pesquisa hemerográfica, analisando-se periódicos locais publicados entre 1888 e 1889 que trouxessem informações sobre os efeitos que a seca teve na província na época, sobretudo em Amarração. Os jornais<sup>6</sup> utilizados para a elaboração e construção desta narrativa foram *A Imprensa*<sup>7</sup> através de edições publicadas nos anos de 1888 e 1889 e *A Phalange*<sup>8</sup> com publicações no decorrer de 1889.

Assim, este artigo buscou discorrer sobre a conjuntura vivenciada por Amarração no final do século XIX em função da seca de 1888/1889, tratando não apenas da transformação na paisagem a medida que esta se agravava, mas também das adversidades produzidas pela migração para aquela localidade de províncias vizinhas, notadamente a disposição de recursos para manter esses indivíduos, bem como o assalto das provisões que deveriam ser distribuídas pela Comissão de Socorros daquele espaço.

### *As províncias do Norte e a seca: uma construção histórica*

---

<sup>6</sup> Deve-se esclarecer que embora o Partido Liberal e o Partido Conservador fossem antagonistas em diversos aspectos na província do Piauí durante a década de 1880, como percebido a partir de seus periódicos oficiais, *A Imprensa* e *A Época* respectivamente (BAPTISTA, 2019), no que diz respeito a questão da seca existiu um consenso em relação a necessidade de auxílio para esta província.

<sup>7</sup> Periódico vinculado ao Partido Liberal na província do Piauí, sendo o órgão oficial deste. Surgiu em 1865 e circulou até o ano de 1889 quando mudou de nome após a Proclamação da República para *Atualidade* (PINHEIRO FILHO, 1997).

<sup>8</sup> Periódico conservador surgido em 1889 e encerrado no mesmo ano. Refletia as ideias do Partido Conservador, embora não fosse o órgão oficial deste e tinha como redator principal Simplício Coelho de Resende. (PINHEIRO FILHO, 1997).

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

No entanto, antes de discorrer sobre a seca de 1888/1889 e suas consequências na província do Piauí, particularmente na Vila de Amarração, é preciso compreender a relação histórica estabelecida entre este fenômeno e a região brasileira normalmente associada a esta, o atual Nordeste brasileiro, bem como o porquê de sua diferenciação e suas singularidades ao considerarmos seus impactos no Piauí.

Desta maneira deve-se apontar inicialmente que a seca, assim como qualquer outro aspecto social e humano, possui uma historicidade. No seu caso em específico a partir do final do século XIX, principalmente, após a seca de 1877<sup>9</sup>, tida como uma das maiores secas a atingir a região norte do Brasil, começa-se a criar um discurso imagético que vinculava a região Norte ocidental, sujeita a esses períodos de estiagens, enquanto uma nova região, o Nordeste, utilizando-se a seca, dentre muitos outros aspectos, como um dos principais elementos de diferenciação desta região.

Deste modo, Andrade (1998) afirma que o Nordeste se constitui em uma das regiões geográficas que mais se discute e menos se conhece no Brasil, e que esta região é vista conforme o aspecto abordado e a perspectiva de quem o estuda sendo

“[...] apontado ora como a área das secas que desde a época colonial faz convergir para a região, no momento de crise, as

---

<sup>9</sup> Destaca-se que este não é o primeiro registro de seca na região Norte do Brasil. É possível encontrar menções a outros momentos de estiagem severas recuando-se até o início do século XVIII, como cita Sampaio (1963) ao listar os seguintes anos: 1710 – 1711, 1723 – 1727, 1736 – 1737, 1744 – 1745, 1777 – 1778, 1784, 1790 – 1793, 1808 – 1809, 1816 – 1817, 1824 – 1825, 1827, 1830, 1833, 1837, 1844 – 1845, 1877 – 1879.

Marcus Pierre de Carvalho Baptista  
Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

atenções e as verbas dos governos; ora como área dos grandes canaviais que enriquecem meia dúzia em detrimento da maioria da população [...]” (ANDRADE, 1998, p. 23)

Acrescenta ainda, que o clima é o elemento mais marcante de sua paisagem e também a maior preocupação do ser humano por seu regime pluvial, caracterizando o denominado *Sertão*<sup>10</sup>, que além de quente e seco está sujeito “a secas periódicas que matam a vegetação, destroçam os animais e forçam os homens à migração” (ANDRADE, 1998, p. 25).

Assim, segundo Albuquerque Júnior (2001, p. 68):

O Nordeste é, em grande medida, filho das secas, produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio coloca-la como o problema mais importante desta área. [...] É a seca que chama atenção dos veículos de comunicação, especialmente dos jornais do Sul do país, para a existência do Norte e de seus “problemas”. Ela é, sem dúvida, o primeiro traço definidor do Norte e o que o diferencia do Sul [...].

Entende-se o Nordeste, então, enquanto uma invenção, um espaço separado do Norte criado a posteriori do recorte temporal aqui trabalhado, os anos de 1888/1889. No entanto, é interessante salientar esse aspecto tendo em vista que a construção desta narrativa em torno do Nordeste perpassa também a seca de 1888/1889, bem como suas implicações nas províncias do norte.

---

<sup>10</sup> De acordo com Andrade (1998) o Nordeste se subdivide em quatro grandes regiões naturais e geográficas cujas denominações consagradas pelo saber tradicional, são: Mata, Agreste, Sertão e Meio-Norte. O território piauiense se estende pelo Sertão e Meio Norte, enquanto que o Ceará está predominantemente inserido no primeiro.

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

Deve-se apontar também que a ressonância a nível nacional do problema da estiagem no Norte a partir da seca de 1877 não torna-se apenas um elemento de diferenciação das províncias afetadas pelo problema, mas também uma maneira encontrada pelos políticos locais para requerer do governo imperial, posteriormente do governo federal com a Proclamação da República nos fins de 1889, mais recursos para a região, para o combate ao flagelo, assistência aos afetados e auxílio às províncias.

Desta forma, segundo Albuquerque Júnior (2001) a seca torna-se um instrumento eficiente neste final de século XIX e início de século XX utilizado pelas bancadas políticas do Norte para reivindicar que as províncias desta região recebessem o mesmo tratamento ou pelo menos similar àquele despendido às regiões do Sul. Ao ponto que, ainda segundo o autor, a partir da República e a nova Constituição de 1891 inclui-se em um de seus artigos a destinação de verbas especiais por parte da União para o auxílio as vítimas de desastres ou flagelos naturais, a seca, neste caso, estando incluída dentre estes.

Contudo, é preciso indicar que a seca, embora tenha sido utilizada para se construir esse discurso imagético acerca do Norte Ocidental, que no decorrer do século XX veio a se tornar o Nordeste, esta não afeta da mesma maneira toda a região, tendo suas particularidades de acordo com cada província/estado.

Além disso, considerando que a seca historicamente refere-se a ausência de chuvas, sendo assim uma consequência climática,

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

questiona-se também se este flagelo não estaria mais associado a uma irregularidade das precipitações, bem como a uma imperícia por parte dos agricultores situados no Nordeste para se aproveitarem destas chuvas?

De acordo com Domingos Neto e Borges (1987), a seca desde o século XIX nas províncias do Norte geralmente é noticiada da mesma maneira pelos periódicos locais, reiterando a ausência de chuvas, morte das plantações, morte do gado, fome, morte dos sujeitos e deslocamentos humanos na tentativa de escapar e sobreviver ao flagelo. No entanto, os autores destacam que o índice pluviométrico da região é plenamente capaz de garantir a agricultura e que não existe exatamente uma ausência de chuvas, mas sim uma irregularidade das precipitações, o que termina por dificultar a agricultura. Sobre isto nos dizem:

O drama não vem do céu. A natureza oferece os recursos hídricos. A sociedade, tal como está organizada, é que não permite aos agricultores nordestinos tirar proveito. [...] Neste sentido, cabe, em primeira instância observar que **não há no mundo região agrícola imune de irregularidades climáticas**. Uma elevada taxa de risco de perdas faz parte da própria natureza do trabalho agrícola [...] O que poderia ser peculiar ao Nordeste brasileiro – e a outras áreas do mundo de pauperismo acentuado – é o cataclisma social. (Grifo do autor) (DOMINGOS NETO; BORGES, 1987, p. 29-30)

A seca, então, em sua perspectiva, não seria um problema do semiárido, muito menos algo explicável apenas por um baixo índice pluviométrico, mas sim algo causado também pela imprevisibilidade

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

climática da região associada a uma baixa adaptabilidade da agricultura local a esta conjuntura.

No caso do Piauí, Domingos Neto e Borges (1987) apontam ainda que os problemas gerados neste a partir do final do século XIX e no decorrer do século XX explicam-se muito mais pela influência desta seca nas circunvizinhanças do que pela manifestação desta no próprio território piauiense.

Para os autores, embora o Piauí não tenha sido favorecido através da construção de açudes, este encontra-se em uma situação bem mais promissora que a maioria das províncias afetadas pela seca, na medida que possui uma extensa rede fluvial que perpassa boa parte de seu território, a exemplo do rio Parnaíba e de sua bacia hidrográfica. Assim, ao pensar o Piauí reafirma que seu caso é ainda mais enfático ao se referir que o problema não é a falta d'água ou mesmo a falta de chuvas.

Desta maneira, para Domingos Neto e Borges (1987) o agravamento do problema que o Piauí vivencia com a seca a partir do final do século XIX e durante o século XX pode ser explicado, principalmente, em função da migração<sup>11</sup> das populações afetadas nas circunvizinhanças, principalmente aquelas advindas do Ceará<sup>12</sup>, que utilizavam o Piauí enquanto um corredor de passagem para a região

---

<sup>11</sup> De acordo com Nunes (1975, p.24) “Como consequência de sua bacia hidrográfica, o Piauí sempre foi um corredor de migrações. Os flagelados das secas, tocados pela fome, também testemunham a peculiaridade. É a Bacia do Parnaíba passagem obrigatória dos **retirantes**, porque está situada entre as terras castigadas do Nordeste e as frescas e ubérrimas terras do Maranhão.”

<sup>12</sup> Sampaio (1963) corrobora com esta perspectiva ao afirmar que o Piauí durante boa parte das estiagens sofridas pelas províncias do Norte serviu de refúgio para as províncias vizinhas, como o Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba.

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

amazônica, tida como mais úmida, ou simplesmente procuravam no Piauí uma possibilidade de sobrevivência aos infortúnios provocados pela seca em seus locais de origem. Neste sentido os autores apontam que

A primeira grande crise de que se tem notícia, é a de 1877 [...] Os dramas sociais relacionados com o clima que constam da história piauiense até 1877 foram, sem exceção, devido à chegada de imigrantes, sobretudo cearenses. Vagas de famintos de outros Estados adentravam o território piauiense em busca de refúgio, alimentando as crônicas das tragédias locais. Mesmo após 1877, e ainda por um longo tempo, o Piauí viria a desempenhar um notável papel de anteparo às periódicas perturbações da economia de seus vizinhos, atuando sempre no sentido de preservação da mão-de-obra ameaçada. Os problemas clássicos da “seca nordestina” surgiam então, no Piauí, não devido a fatores internos, mas sim em razão dos retirantes de outros Estados. Para todos os efeitos, o drama vinha de fora. (DOMINGOS NETO; BORGES, 1987, p. 33)

Ao considerar, então, a perspectiva de Domingos Neto e Borges (1987) é preciso tomar cuidado com a forma com que a seca é percebida, principalmente no Piauí. Não intencionamos aqui inferir se este fenômeno era amenizado na província piauiense ou não em fins de século XIX pela quantidade de águas de superfície presentes em seu território ao se comparar com as províncias vizinhas. Cabral (2013), neste sentido, salienta duas abordagens acerca dos efeitos da seca no Piauí: uma relacionada às características fisiográficas piauienses que poderiam amenizar a intensidade destes e outra que desconsidera esta

Marcus Pierre de Carvalho Baptista  
Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

possibilidade. No entanto, em ambos os casos são agravados por conta da migração.

Além disso, os periódicos locais, a exemplo da *A Imprensa* e *A Phalange* nos anos de 1888 e 1889 destacam os efeitos da seca nestes anos de Norte a Sul do Piauí, afetando tanto localidades presentes no trecho do semiárido piauiense, mas também outras áreas da província que teriam um índice pluviométrico maior e que encontram-se nas proximidades de rios perenes, a exemplo da Vila de Amarração situada na zona de influência da bacia hidrográfica do Parnaíba e das bacias litorâneas<sup>13</sup>.

O quadro 1 apresenta as localidades na província do Piauí afetadas pela seca de 1888/1889 que foram possíveis identificar nas fontes hemerográficas consultadas. As informações referentes a cada localidade variavam entre descrição da situação do gado e da lavoura, geralmente indicando a morte destes, bem como a presença de *emigrantes*<sup>14</sup> em alguns casos e, por fim, dados referentes as Comissões de Socorro instalada em cada uma para auxílio dos efeitos da seca junto a população. Outro aspecto relevante indicado nas fontes diz respeito a fome decorrente desta conjuntura levando em muitos casos ao óbito de habitantes da região.

---

<sup>13</sup> O território piauiense assenta-se em sua maior parte na bacia hidrográfica do rio Parnaíba abrangendo mais de 75% deste. Além da bacia do rio Parnaíba o Piauí conta com as bacias hidrográficas dos rios litorâneos, denominadas de bacias difusas do litoral (PIAUI, 2010).

<sup>14</sup> As fontes ao tratarem dos deslocamentos de pessoas de outras províncias para o Piauí empregavam o termo *emigrante* para identifica-las.

Marcus Pierre de Carvalho Baptista  
Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

Quadro 1 – Localidades afetadas pela seca de 1888/1889 na  
província do Piauí

Macrorregião <sup>15</sup>	Localidade	Períodos	Fonte
Litoral	Amarração (Luís Correia)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 6 de abril de 1889</li> <li>• 29 de setembro de 1889</li> </ul>	A Imprensa
	Parnahyba (Parnaíba)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 23 de abril de 1889</li> </ul>	A Imprensa
Meio-Norte	Amarante	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 23 de fevereiro de 1889</li> <li>• 22 de maio de 1889</li> </ul>	A Imprensa A Phalange
	Teresina	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 23 de abril de 1889</li> </ul>	A Imprensa
	Pedro II	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 23 de abril de 1889</li> </ul>	A Imprensa
	Piracuruca	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 23 de abril de 1889</li> <li>• 24 de agosto de 1889</li> </ul>	A Imprensa
	Campo Maior	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 23 de abril de 1889</li> <li>• 26 de junho de 1889</li> </ul>	A Imprensa A Phalange
	Marvão (Castelo do Piauí)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 23 de abril de 1889</li> </ul>	A Imprensa
	Regeneração	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 23 de abril de 1889</li> <li>• 1 de maio de 1889</li> <li>• 19 de outubro de 1889</li> </ul>	A Imprensa A Phalange

<sup>15</sup> Divisão territorial do estado do Piauí a partir da Lei Complementar nº 87 de 22 de agosto de 2007 e da Lei nº 6.967 de 3 de abril de 2017 (PIAUI, 2007, 2017). Embora sejam leis do século XXI servem para indicar as regiões geográficas nas quais se inserem atualmente as referidas localidades, hoje todos municípios do estado do Piauí. Deve-se apontar que no território piauiense o Litoral situa-se na porção do extremo norte, o Meio-Norte na porção centro-norte, o Semiárido na porção sudeste e o Cerrado na porção sudoeste do Piauí.

Marcus Pierre de Carvalho Baptista  
 Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
 Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

	Villa do Livramento (José de Freitas)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 19 de outubro de 1889</li> </ul>	A Imprensa
	Humildes (Alto Longá)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 19 de outubro de 1889</li> </ul>	A Imprensa
Semiárido	Oeiras	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 29 de dezembro de 1888</li> <li>• 1 de fevereiro de 1889</li> <li>• 23 de abril de 1889</li> <li>• 4 de maio de 1889</li> </ul>	A Imprensa
	Valença (Valença do Piauí)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 5 de janeiro de 1889</li> <li>• 23 de abril de 1889</li> </ul>	A Imprensa
	Picos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 19 de janeiro de 1889</li> <li>• 26 de janeiro de 1889</li> <li>• 23 de abril de 1889</li> <li>• 24 de agosto de 1889</li> </ul>	A Imprensa
	Jaicós	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1 de junho de 1889</li> </ul>	A Imprensa
	Pio 9º (Pio IX)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1 de junho de 1889</li> </ul>	A Imprensa
	Paulista (Paulistana)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1 de junho de 1889</li> </ul>	A Imprensa
	São Raimundo Nonato	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 3 de agosto de 1889</li> </ul>	A Imprensa
	Villa de São João do Piauí (São João do Piauí)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 19 de outubro de 1889</li> </ul>	A Imprensa
	Cerrado	Jeromenha (Jerumenha)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 8 de janeiro de 1889</li> </ul>
Parnaguá		<ul style="list-style-type: none"> <li>• 23 de abril de 1889</li> </ul>	A Imprensa

Marcus Pierre de Carvalho Baptista  
 Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
 Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

	Villa da Manga (Floriano)	• 19 de outubro de 1889	A Imprensa
--	------------------------------	----------------------------	------------

O quadro 1 aponta que a seca de 1888/1889 atingiu praticamente toda a área geográfica correspondente a província do Piauí neste fim de século e não nos interessa discutir se esta era ou não amenizada em função das características geográficas locais.

Desta forma, a perspectiva que vai nortear esta reflexão assenta-se nos deslocamentos humanos de outras províncias para o Piauí provocados pela seca, principalmente a província cearense, e como estas afetaram o território piauiense, causando conflitos em determinadas localidades, como a Vila de Amarração.

*“Assalto de Emigrantes”*: as consequências da seca de 1888/1889 na Vila de Amarração no litoral do Piauí

Conforme explicitado, a seca ao longo da história do Piauí acometeu diversas localidades de parte significativa de seu território e do mesmo modo na Vila de Amarração não foi diferente. Evidencia-se que a seca de 1888/1889 provocou algumas situações de caráter social além das condições adversas decorrentes do fenômeno climático natural.

Diferentemente do exposto por Domingos Neto e Borges (1987), mesmo Amarração tendo um índice pluviométrico razoável de 1100 mm anuais, possuindo assim, provavelmente uma conjuntura mais favorável para os períodos de estiagem se compararmos com outras

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

localidades situadas no semiárido piauiense com uma precipitação variante entre 400 mm a 600 mm anuais, é interessante perceber como no caso da seca de 1888/1889 em Amarração o drama não vinha apenas de fora, com a chegada de pessoas oriundas de outras províncias na localidade, mas também do interior da própria Vila tendo em vista a morte das plantações, do gado e o esgotamento das águas.

Na edição de 6 de abril de 1889 no periódico *A Imprensa* em uma nota sobre Amarração tem-se uma representação feita pela Câmara Municipal da Vila para o então presidente da província com o intuito de indicar a situação de adversidade que Amarração se encontrava e solicitando auxílio do governo provincial.

A camara municipal da villa de Amarração, tendo se reunido extraordinariamente no dia 16 de março para tratar de negocios relativos ao estado desolador a que se acha reduzido o municipio, ocasionado pela secca que acossa a província, dirigiu a s. exc. o sr. presidente da província a representação que se segue:

Paço da camara municipal da villa de Amarração, em sessão extraordinaria, 16 de março de 1889.

Exm. sr.

Fiel interprete do pensamento de seus municipes, vem a camara municipal d'esta villa, com o acatamento devido, trazer ao conhecimento de v. exc., na qualidade de administrador desta provincia, o estado contristador de penurias e miserias a que infelizmente se acha reduzido este municipio, estado ocasionado pelas inclemencias da tremenda secca que vamos antepassando.

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

Reconhecendo correr a esta camara o imperioso e inadiavel dever de fazer saber a v. exc. a situação afflictiva e penosa em que se estorce este municipio, e implorar de v. exc providencias promptas e energicas, commetteria gravissima falta se, deante de tão dolorosa emergencia, cerrasse os ouvidos aos clamores unanimes da população fametica, e não viesse exorar de v. exc., como medida necessaria e equitativa, que faça repartir com este municipio os socorros que o governo geral tenha destinado para serem distribuidos por esta provincia, que vai inteira atravessando dias de rude provação.

A secca que há vinte e dous longos mezes flagella o litoral da provincia, onde se acha incravado este municipio, não cessou ainda, e, apprehensivo, o espirito público já presente que ella continuará por todo o anno, tendo já esta falta de regularidade da estação invernosa produzido, com o calor abrazador que reina constante nesta região e o vento rijo secco e destruidor que açoita, -- o estiolamento das plantações e esgotamento quasi completo das aguas, o abrazarem-se os campos e seccarem-se as arvores!

No mez de dezembro em que de ordinario aparecem, pelo solstício, as chuvas precursoras do inverno, nem uma gotta d'agua borrifou estes terrenos outr'ora uberrimos, aos quaes os rigores das seccas sucessivas têm imprimindo um cunho de aridez, têm condemnado a quasi absoluta improducção. [...] Os fazendeiros e creadores viram morrer-lhes quasi todos os gados de toda casta, depois de grandes e incessantes labutações, sendo que a muitos nem semente resta para reproducção em melhores tempos (A IMPRENSA, 1889, p. 3).

A nota assinada pelos membros da câmara na época aponta, então, os problemas que a seca estava ocasionando em Amarração para

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

além da migração, principalmente cearense, que estava convergindo para aquela localidade naquele momento.

Mesmo com um índice pluviométrico anual razoável a irregularidade deste, percebida através da denúncia da presença da seca por quase 2 anos na região, provoca uma situação de adversidade na Vila, acometendo as plantações, esgotando as reservas de água e matando o gado que ali existia.

Tendo em vista essa conjuntura, talvez, no caso de Amarração não seria equivocado dizer que o infortúnio produzido pela seca não vinha apenas de fora, através da migração, mas também se sentia os efeitos desta na própria paisagem local.

A outra possibilidade levantada refere-se a um excesso dos efeitos desta seca em Amarração por parte dos políticos locais que escreveram essa representação justamente para receberem os recursos provenientes do governo imperial para as Comissões de Socorros criadas na província que visavam auxiliar as localidades acometidas pela seca neste momento histórico.

Já dissemos, segundo Albuquerque Júnior (2001) como a seca torna-se um instrumento dos políticos das províncias do Norte para conseguirem mais recursos para estas em função da situação de calamidade social e desastre natural, portanto, não seria impossível imaginar o exagero por parte da câmara de Amarração ao tratar sobre os efeitos da seca de 1888/1889 naquele espaço objetivando também conseguir mais recursos.

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

Da mesma maneira, considerando a quantidade de manifestações de diferentes localidades ao longo do Piauí retratando situações similares a de Amarração pode ser capcioso sugerir este excesso quanto a estes efeitos.

Dito isto é preciso evidenciar outro aspecto antes de discorrer sobre os problemas gerados pela migração em Amarração, no caso o fato que o governo provincial não assistiu inerte enquanto a seca se alastrava pela província do Piauí, buscando mecanismos para auxiliar os locais, materializados através das Comissões de Socorro criadas na época.

De acordo com Cabral (2013, p.85)

Para amenizar esta situação e melhor atender aos imigrantes e flagelados, a administração provincial prestava auxílio através da Comissão de Socorros, organizada nos municípios onde a situação era mais crítica. Esta comissão era uma das ramificações da política do governo imperial que vinha sendo regulamentada a partir do ano de 1853, com o intuito de melhor assistir à população vitimada pelo fenômeno das secas.

Assim, é interessante destacar que a atuação dessa Comissão normalmente era organizada nas localidades que estavam vivenciando uma situação mais crítica em função da seca e só foram possíveis graças aos recursos provenientes do governo imperial<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Aponta-se ainda que no caso da província do Piauí no decorrer do ano de 1889 tanto o periódico *A Imprensa* como *A Phalange*, ao longo de várias edições, questionaram a maneira como o governo imperial se portava com relação ao Piauí, criticando a quantia ínfima despendida a província no início do ano de 1889, 10 contos de réis, em detrimento a outras províncias do Norte, como o Ceará, tendo ampliado esse valor apenas a partir do segundo semestre de 1889.

Marcus Pierre de Carvalho Baptista  
Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

No caso da seca de 1888/1889 as Comissões de Socorros<sup>17</sup> foram instaladas em muitas das localidades citadas no quadro 1 e quanto a Amarração esta não teve uma comissão instalada em seu território, mas sim na cidade vizinha, em Parnaíba<sup>18</sup>, que serviria para atender tanto uma como a outra, visto que a seca estava produzindo efeitos sobre ambas.

Embora as Comissões tenham sido instaladas é complicado inferir até que ponto estas reduziram ou não os efeitos da seca de 1888/1889 ao longo da província do Piauí e, particularmente, sobre Amarração.

No caso desta, a partir da representação feita pela Câmara municipal em 16 de março de 1889 tem-se informações não apenas sobre a situação das plantações, dos reservatórios hídricos e do gado, conforme já apresentado, mas também da presença ou não de *emigrantes* das circunvizinhanças que ali se encontravam fugindo do flagelo em suas terras natais. Em outro ponto da mesma nota tem-se o seguinte:

Alem dos males propios, ocorre a circumstancia de ser este municipio um dos desta provincia para onde converge a maior parte da corrente emigratoria cearense que, por terra, busca as regiões do valle do Amazonas, acrescendo que

---

<sup>17</sup> As Comissões de Socorros, de acordo com os periódicos *A Imprensa* e *A Phalange* na província do Piauí buscavam auxiliar as localidades atingidas pela seca não apenas através da distribuição de víveres, mas também garantindo recursos para a construção de obras públicas nas quais os *emigrantes* eram postos para trabalhar e assim receber algum recursos para conseguirem sobreviver ao flagelo.

<sup>18</sup> Naquela época Parnaíba distava 90 milhas de Amarração através do rio Parnaíba, única conexão existente entre ambas até então. (BAPTISTA; NASCIMENTO, 2018).

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

muitos aqui estacionam por lhes faltar a coragem precisa para emprender, ou continuar a pé tão temerosa travessia, tão dificultosa jornada (A IMPRENSA, 1889, p. 3).

Desta forma, embora a representação date de 16 de março de 1889, não seria equivocado sugerir que estes *emigrantes*, provenientes principalmente do Ceará, estariam presentes em Amarração há mais tempo, certamente tendo emigrado do Ceará para o Piauí nos meses anteriores ou mesmo no ano anterior, tendo em vista que a seca teve início ainda em 1888.

A nota dá conta ainda dos problemas gerados por esta emigração na medida em que estes esgotavam a caridade particular em função da mendicância para conseguirem sobreviver no local e não perecerem pela fome.

Considerando a perspectiva de Domingos Neto e Borges (1983), mesmo que a representação da Câmara não comente sobre isto, é possível sugerir que a presença destes sujeitos tenha ampliado e acelerado a escassez de cereais e comida de uma maneira geral.

Para os autores ao passo que mais e mais pessoas fugiam dos efeitos da seca em sua terra natal e adentravam ao Piauí mais recursos eram consumidos em cada localidade e, em função disso, não apenas estes esgotavam-se como era impossível manter estes flagelados sem recorrer ao auxílio do governo provincial.

Embora a nota presente no periódico *A Imprensa* não comente sobre isto, na medida em que esta discorre sobre a necessidade de

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

receber auxílio do governo provincial também por conta da presença destes indivíduos não seria improvável afirmar que estes ampliaram a crise e o esgotamento dos alimentos disponíveis em Amarração naquele final de século.

A situação calamitosa que a Vila enfrenta a partir do ano de 1888 e no decorrer do ano seguinte se agravou, então, em função destes deslocamentos humanos e em setembro de 1889 outro problema se associa às adversidades já causadas pela seca e carência de recursos, o assalto a Comissão de Socorros instalada em Parnaíba por essas pessoas que vinham das circunvizinhanças. Sobre esta questão a edição do dia 29 de setembro de 1889 do periódico *A Phalange* traz o seguinte:

**Assalto de emigrantes.** – os da Parnahyba e Amarração estão no seu direito assaltando os viveres da comissão. <<Necessitas caret legis.>> Os viveres ali têm sido divididos pelos da grey em quanto que os famintos mendigam e esgotam a caridade particular.

O dr. Firmino, quando na presidência, nomeou substituto a – si mesmo – para servir na comissão durante sua ausência, isto com o fim do juiz municipal, então na vara de direito, não fazer parte da tal comissão de socorros e observar o que – por alli se passava!

E assim correm os negocios publicos nessa terra!

Portanto, os emigrantes estão no seu direito tirando á força algumas migalhas dos socorros que têm tido criminoso destino (A PHALANGE, 1889, p. 3).

Marcus Pierre de Carvalho Baptista  
Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

A prática do banditismo<sup>19</sup> não foi uma particularidade do litoral do Piauí e para Cabral (2013) tratou-se de uma tática<sup>20</sup> comum utilizada pelas pessoas que se encontravam em uma situação de miserabilidade durante os diversos períodos de seca que ocorreram no Piauí, incluindo-se aqui a seca de 1888/1889.

Assim, para a autora, não era incomum ocorrerem roubos e furtos, bem como ataques as fazendas, plantações, mercados e até mesmo os animais encorados nos pastos. No caso de Amarração a informações que dispomos aponta para o furto dos suprimentos geridos pela Comissão de Socorros e que, na teoria, deveriam ser distribuídos para os flagelados.

Considerando que a primeira informação que temos sobre a presença de *emigrantes* em Amarração data de março de 1889 indicando que estes possivelmente já estavam há mais tempo na localidade e que apenas em setembro de 1889 tem-se uma denúncia referente aos furtos praticados por estes contra a Comissão de Socorros, não seria improvável sugerir que estes também possam ter cometido outros crimes em Amarração a medida que a caridade particular e os recursos começavam a se esgotar.

---

<sup>19</sup> Para maiores informações sobre a ocorrência deste fenômeno por parte de grupos oprimidos que ainda não atingiram certo grau de consciência política, particularmente nas áreas rurais em função de cataclismas sociais que obrigam populações a se deslocarem, sejam estes eventos epidemias, guerras ou a própria seca, cerne deste trabalho, ver HOBBSAWM, Eric John Ernest. *Bandidos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

<sup>20</sup> Sobre o conceito de Táticas e Estratégias ver CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Marcus Pierre de Carvalho Baptista  
Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

A fome não espera, ela tem pressa, e enquanto os políticos locais solicitavam o auxílio do governo provincial e este do governo imperial é possível que estes crimes tenham ocorrido em Amarração também, embora não tenhamos encontrados na bibliografia consultada e nem nas fontes pesquisadas menções a estes acontecimentos em Amarração, a exceção destes ataques a Comissão de Socorros.

Outro ponto a se destacar refere-se a própria maneira com que os recursos estavam sendo distribuídos. Segundo a nota do periódico *A Phalange* os suprimentos ali partilhados não eram destinados a todos e, de maneira geral, não estavam atendendo a necessidade dos *emigrantes* e dos famintos que se encontravam em Parnaíba e Amarração.

Segundo o periódico estes recursos estavam sendo repassados apenas *pelos da grey* e, embora não tenhamos conseguido identificar o que isto significava, pode-se inferir que estas provisões ou estavam sendo repassadas a elite local ou a uma parte desta, em detrimento das populações mais pobres, conseqüentemente, que mais sofriam com o flagelo<sup>21</sup>, justificando, assim, para o periódico, as práticas de furtos cometidas contra a Comissão.

Embora não esteja esclarecido quem eram as pessoas que estavam se beneficiando dos recursos destinados a Comissão de Socorros, pode-se inferir que para *A Phalange*, provavelmente, seriam

---

<sup>21</sup> Segundo Domingos Neto e Borges (1983) a Seca afeta de maneiras diferentes os ricos e os pobres, podendo-se dizer que existe uma Seca de rico e uma de pobre, além de existirem grupos que se favorecem com esta Seca. Para os autores, os grupos menos abastados terminam sendo os mais afetados e enfrentam as conseqüências mais severas da seca principalmente por disporem de menos recursos.

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

correligionários do Partido Liberal, visto a acusação proferida ao Dr. Firmino de Sousa Martins<sup>22</sup>, filiado a este último, que teria se automeado para servir na Comissão de Socorros de Parnaíba e não estaria tomando nenhuma atitude em relação a situação posta.

Considerando que não foi possível localizar nenhuma argumentação contrária no periódico *A Imprensa* e ainda as disputas existentes entre o Partido Liberal e o Partido Conservador, ao qual *A Phalange* estava vinculado, torna-se complicado afirmar que correligionários do Partido Liberal de fato estivessem se beneficiando com estes recursos a partir da atuação do Dr. Firmino de Sousa Martins.

Desta forma, é notório os efeitos que a seca de 1888/1889 teve sobre Amarração. Não apenas provocou transformações na paisagem, com a redução dos recursos hídricos, morte do gado e das plantações, como também gerou conflitos em função do fluxo migratório das circunvizinhanças, principalmente do Ceará, que ali se instalaram e que terminaram cometendo furtos por conta da miséria na qual se encontravam.

---

<sup>22</sup> Formado em Direito, foi magistrado e político, tendo sido presidente da província nas seguintes datas: de 01 de maio de 1880 a 07 de fevereiro de 1881, de 05 de abril a 06 de setembro de 1883 e de 26 de junho a 23 de julho de 1889 (GONÇALVES, 1997).

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

### *Considerações Finais*

Assim, a seca de 1888/1889 assolou boa parte da província do Piauí no fim do século XIX, afetando localidades que iam desde o extremo Norte da província até o sudeste e sudoeste desta, gerando uma situação de miséria e fome.

Em Amarração seus efeitos foram sentidos das duas maneiras, tanto nos problemas internos gerados na localidade, como o esgotamento de água para o consumo e a morte das plantações e do gado, como também a partir de problemas externos, tendo em vista os deslocamentos humanos vindos das províncias vizinhas e que terminaram por causar conflitos em Amarração, no caso, os furtos da Comissão de Socorros e dos recursos que deveriam ser destinados aos flagelados naquela região.

Por fim, a seca não é apenas uma condição climática, mas também histórica e social. No Piauí esta não se encerrou no final do período oitocentista, se estendendo no decorrer do século XX e chegando até a contemporaneidade, principalmente no semiárido. Deste modo, quem tem fome, tem pressa e cabe a sociedade aprender a conviver com a seca e aproveitar os recursos naturais dispostos de uma maneira a evitar a situação de calamidade que as pessoas em Amarração vivenciaram no final do século XIX com a seca de 1888/1889.

Marcus Pierre de Carvalho Baptista  
Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

## Referências

### Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 340 p.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A Terra e o Homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da Questão agrária no Nordeste*. 6. ed. Recife: UFPE, 1998. 305 p.

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho. *Amarras e desamarras: cotidiano e modernização em Amarração no litoral do Piauí (1880 – 1930)*. 2019. 161 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

\_\_\_\_\_.; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. O Inimigo vem do Mar: Cólera, Medo e Morte no Litoral Piauiense no Final do Século XIX. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science (UniEVANGÉLICA)*, v.7, n.2, p. 12-28, maio/ago. 2018.

ABRAL, Ivana Campelo. *Sertanejos piauienses: trabalhadores livres no Piauí rural escravista (1850-1888)*. 2013. 155 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Marcus Pierre de Carvalho Baptista  
Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

DOMINGOS NETO, Manuel; BORGES, Geraldo Almeida. *Seca seculorum, flagelo e mito na economia rural piauiense*. 2. ed. Teresina: Fundação CEPRO, 1987. 105 p.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Grande Dicionário histórico-biográfico piauiense 1549-1997*. Teresina: [s.n.], 1997. 376 p.

HOBSBAWM, Eric John Ernest. *Bandidos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

NUNES, Odilon José. *Pesquisas para a História do Piauí*. v.1. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

PIAUI. (Estado). *Lei Complementar Nº 87 de 22 de agosto de 2007*. Estabelece o Planejamento Participativo Territorial para o Desenvolvimento

Sustentável do Estado do Piauí e dá outras providências. Disponível em: <http://legislacao.pi.gov.br/legislacao/default/ato/13144>. Acesso em: 28 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. (Estado). *Lei Nº 6.967, de 03 de abril de 2017*. Altera a Lei Complementar nº 87, de 22 de agosto de 2007, que estabelece o Planejamento Participativo Territorial para o Desenvolvimento Sustentável do Estado do Piauí e dá outras providências. Disponível em: [http://servleg.al.pi.gov.br:9080/ALEPI/sapl\\_documentos/norma\\_juridica/4102\\_texto\\_integral](http://servleg.al.pi.gov.br:9080/ALEPI/sapl_documentos/norma_juridica/4102_texto_integral). Acesso em: 28 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. (Estado). *Plano Estadual de Recursos Hídricos: Relatório Síntese*. Teresina: Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos – SEMAR, 2010.

Marcus Pierre de Carvalho Baptista  
Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco, 1997. 255 p.

SAMPAIO, Antônio José de. *Descrição Geral do Estado do Piauí*. v. 1. Tradução de Maria Cacilda Ribeiro Gonçalves. Teresina: Imprensa Oficial, 1963.

### *Fontes*

CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba, o vaqueiro*. 8. ed. Teresina: Corisco, 2000. 86 p.

A IMPRENSA, Teresina, ano 19, n. 789, p. 4, 8 set. 1883.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1051, p. 4, 15 dez. 1888.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1053, p. 3, 29 dez. 1888.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1054, p. 4, 5 jan. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1056, p. 3-4, 19 jan. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1057, p. 4, 26 jan. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1058, p. 4, 1 fev. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1061, p. 2-4, 23 fev. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1067, p. 3, 6 abr. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1069, p. 1-4, 23 abr. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1071, p. 4, 4 maio. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1072, p. 1, 11 maio. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1075, p. 4, 1 jun. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1079, p. 1, 2 jul. 1889.

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1081, p. 1, 13 jul. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1082, p. 1-3, 22 jul. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1083, p. 1, 27 jul. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 24, n. 1084, p. 1, 3 ago. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 25, n. 1086, p. 2, 17 ago. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 25, n. 1087, p. 1, 24 ago. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 25, n. 1088, p. 2, 2 set. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 25, n. 1090, p. 1, 16 set. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 25, n. 1093, p. 1, 16 out. 1889.

A IMPRENSA, Teresina, ano 25, n. 1093, p. 1, 19 out. 1889.

Suplemento.

A IMPRENSA, Teresina, ano 25, n. 1095, p. 1, 9 nov. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 1, p. 3-4, 12 jan. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 2, p. 1-2, 19 jan. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 3, p. 4, 26 jan. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 3, p. 4, 26 jan. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 4, p. 4, 5 fev. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 5, p. 2, 13 fev. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 7, p. 1, 28 fev. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 9, p. 3-4, 13 mar. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 10, p. 1, 20 mar. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 14, p. 3, 17 abr. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 16, p. 1-3, 1 maio. 1889.

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*  
*Elisabeth Mary de Carvalho Baptista*

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 17, p. 1, 8 maio. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 18, p. 4, 15 maio. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 19, p. 3, 22 maio. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 20, p. 3, 29 maio. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 21, p. 3, 5 jun. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 22, p. 3, 12 jun. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 24, p. 2, 26 jun. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 28, p. 2-3, 9 ago. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 34, p. 4, 21 set. 1889.

A PHALANGE, Teresina, ano 1, n. 35, p. 3, 29 set. 1889.